

O CASO EDVAN LIMA E A CORPOREIDADE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM CASOS DE VIOLÊNCIA NO JORNAL *CORREIO BRAZILIENSE*

Ingrid da Silva Ramalho¹(UnB)

Introdução

Este trabalho é resultado da segunda etapa da pesquisa *Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo on-line* e trata exclusivamente de matérias publicadas entre os anos de 2011 e 2013 no *Correioweb*, plataforma virtual do jornal *Correio Braziliense*, que apresentaram resultados na busca por palavras-chave associadas à situação de rua. Na etapa anterior, o *corpus* foi organizado no *software NVivo* e analisado com categorias teoricamente motivadas pela análise de discurso crítica como *intertextualidade e fontes jornalísticas, modos de referência, modos de avaliação e modos de representação*.

Por meio do cruzamento de matrizes de codificação facilitadas pelo *software*, foi possível chegar a alguns resultados relevantes em uma macro análise: (1) moradores/as e trabalhadores/as locais são os atores sociais que mais avaliam pessoas em situação de rua quando as matérias jornalísticas do *corpus* tem como tema a violência; (2) os qualificadores mais atribuídos a essa população nos 95 textos sobre população em situação de rua e tematizando violência são respectivamente *incômodas, perigosas e oportunistas* (em dez textos de 95), em contrapartida, os qualificadores que aparecem de forma menos densa nesse contexto são respectivamente *tranquilas, trabalhadoras, acolhidas, boas e queridas* e são restritas a apenas três textos. Observando de forma mais atenta as ocorrências de qualificadores ‘positivos’, foi possível constatar que dois desses três textos se referem a um mesmo caso: o caso de Edvan Lima.

Por isso, nesta segunda fase da pesquisa, decidiu-se que os textos que tratam do caso de Edvan Lima deveriam passar por uma microanálise através da ótica da análise de discurso crítica (ADC), já que essa perspectiva, aliada a estudos do campo das ciências sociais, constitui-se como arcabouço teórico-metodológico apropriado para a análise de questões sociais discursivamente manifestas.

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade de Brasília, bolsista PIBIC, membro do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC) e pesquisadora do projeto integrado *Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo on-line*.

Na primeira seção, trago uma contextualização da situação de rua em Brasília e no jornal *Correio Braziliense*, baseando-me nas análises realizadas na primeira etapa da pesquisa. Posteriormente, explano sobre o caso de Edvan Lima e a similaridade entre este e outros casos brutais que ocorreram na capital federal e tiveram o uso do fogo como instrumento de ataque a pessoas em situação de rua. Na terceira seção, explícito como a ADC e os conceitos de corporeidade na contemporaneidade foram fundamentais para a investigação da representação do corpo de Edvan Lima nos textos em foco neste artigo, para, na quarta seção, analisar os dados. Por fim, trago as considerações de todo o trabalho realizado.

1. Contextualização da situação de rua em Brasília e no *Correio Braziliense*

A presença da população em situação de rua nas cidades data de tempos remotos e reconfigura-se com o passar dos anos (Pereira, 2009). Em contrapartida, o crescimento populacional desse segmento está intrinsecamente ligado às reestruturações sociais advindas do sistema de produção capitalista, como discute Silva (2006). Se, em outras épocas, grupos caracterizados pela estadia em logradouros públicos e pela ausência de moradia convencional regular foram enquadrados como ‘andarilhos’, ‘viajantes’, ‘exilados’ ou ‘doentes mentais’, como explicitado no relatório do *Projeto Renovando a Cidadania* (Gatti; Pereira, 2011), nos dados coletados na plataforma *web* do jornal *Correio Braziliense* para o intervalo 2011-2013, pôde-se observar que, atualmente, os pertencentes a esse grupo são normalmente referenciados como ‘moradores/as de rua’ e ‘mendigos/as’. Pelo alto teor pejorativo que ‘mendigos/as’ carrega e pela naturalização presente em ‘moradores/as de rua’, aqui optarei pelos termos ‘pessoas ou população em situação de rua’, que denotam o caráter transitório dessa condição.

De acordo com Gatti e Pereira (2011), a população em situação de rua no Brasil tornou-se mais visível no final do século XIX, com o processo de modernização e urbanização propulsionado por medidas governamentais e grupos empresariais com apoio da elite e dos meios de comunicação. Seu crescimento foi perceptível na medida em que o desenvolvimento capitalista foi se instalando no país.

Diferente do que ocorre em outras capitais brasileiras – Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Recife, por exemplo – onde a população em situação de rua está localizada em pontos de grande visibilidade e movimentação, a população em situação de rua de Brasília procura permanecer escondida dos olhares urbanos “para não ser expulsa

em direção às cidades satélites da Capital e ao entorno do Distrito Federal ou, no caso de migrantes, às suas cidades de origem” (Pereira, 2009, p. 93).

Os conflitos provenientes da coexistência de atores sociais de condições socioeconômicas e interesses distintos ocupando o mesmo espaço urbano ganham ainda mais força em Brasília, pois além de atualmente exibir o maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil (0,824), segundo dados do IBGE (2003), a própria dinâmica da cidade visa distanciar aglomerações populares do centro urbano. Brasília é uma cidade setorizada, moldada para privilegiar carros e com o seu centro localizado a distâncias consideráveis das cidades-satélites, o que dificulta o acesso de diversos grupos sociais à capital federal. Apesar de grande parte da população das cidades-satélites e da região do entorno do Distrito Federal dirigir-se ao centro da capital diariamente com o propósito de trabalhar, estudar, buscar lazer ou para comporem manifestações e mobilizações sociais, o acesso à cidade é restringido, seja pela distância geográfica ou pela ineficiência e alto preço do transporte público da região. Como evidenciam Gatti e Pereira (2011, p. 15), Brasília é “uma cidade funcional, na qual a instrumentalização do espaço, a estabilidade e a ordem são os fins a serem obtidos a qualquer custo, via qualquer meio”.

Apesar da diversidade de motivos que conduzem pessoas à situação de rua – fatores estruturais, biográficos, desastres naturais (Silva, 2006) –, grande parte das matérias publicadas no *Correioweb* entre os anos de 2011 e 2013 representa de forma superficial a questão social da situação de rua. O grande problema retratado não é que pessoas vivam em condições de extrema pobreza e cotidianamente tenham seus direitos básicos negados, mas, sim, os ‘transtornos’ que causam no espaço urbano.

Em etapa anterior da pesquisa, foi possível constatar que moradores/as e trabalhadores/as locais são os atores que mais avaliam pessoas em situação de rua no *corpus* quando se trata de tematizar a violência (em Resende, 2016 e Ramalho e Resende (no prelo), já foram discutidas algumas considerações acerca da etapa inicial desta pesquisa); isso significa que as perspectivas de pessoas alheias à situação de rua são propagadas recorrentemente por essa mídia. Contrariamente, a voz da população em situação de rua é localizada normalmente em temas menos recorrentes no jornal, como, por exemplo, em textos que traçam ‘histórias heroicas’ e até certo ponto romantizadas de pessoas que superaram a situação de rua, reforçando questionáveis valores meritocráticos. Essa perspectiva midiática de difusão de visões das classes mais privilegiadas economicamente pode favorecer a dispersão de ideologias, na concepção de Fairclough

(2001), resgatada por Viera e Resende (2016), que serão explicitadas de forma mais detalhada na terceira seção deste trabalho.

Na temática da violência, apenas um texto apresenta o que levou uma pessoa em situação de rua a tal condição. Trata-se de uma matéria relacionada ao caso de Edvan Lima (ver contextualização do caso a seguir) que traz o seguinte trecho: “Pessoas ouvidas pela reportagem contaram ter ouvido do próprio [Edvan Lima da] Silva a história de que ele passou a viver nas ruas após ter sido despejado de um barraco que construiu e ocupou por muito tempo, em uma área pública próxima à praça. Segundo essas pessoas, sem família no Distrito Federal e sem ter para onde ir, Silva passou então a viver no local onde foi atacado”.² O foco do estudo de caso aqui apresentado justifica-se, pois, as matérias relacionadas a Edvan Lima apresentam características discursivas bem particulares, se comparadas às outras notícias e reportagens do *corpus* de 166 textos do *Correio Web* analisados na primeira fase na pesquisa.

Tratar pessoas em situação de rua como inerentes ao espaço urbano e seus corpos como algo externo e desumanizado, sem uma reflexão sobre as condições que as levaram até ali, pode causar um efeito de naturalização que mascara e restringe políticas públicas eficientes, além de legitimar a violência praticada contra esse grupo. Esse efeito, quando difundido pelo jornalismo *on-line*, adquire um potencial ainda maior, se levarmos em consideração que, em 2016, 94,2 milhões de brasileiros/as, ou 55% da população tiveram acesso a esse meio de comunicação, de acordo com o *Panorama setorial da Internet*.³ Esse número cresce a cada dia segundo os boletins publicados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que acompanha há dez anos questões relacionadas ao acesso à internet no Brasil.

2. O caso Edvan Lima

Edvan Lima estava em situação de rua e na madrugada do dia 1º de agosto de 2013 foi brutalmente atacado enquanto dormia em uma praça do Guará I, cidade satélite de Brasília. Edvan estava com outras pessoas em situação de rua em torno de uma fogueira para se aquecer do frio, quando um grupo de três indivíduos passou por eles, ateou gasolina e riscou um fósforo. A primeira linha de investigação suspeitou que a ação

²Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/08/04/interna_cidadesdf,380644/morado-res-de-rua-do-guara-temem-retorno-de-agressores.shtml>. Acesso em: 12 maio 2017.

³Disponível em: <www.nic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

tivesse sido motivada por uma suposta briga entre pessoas em situação de rua de grupos rivais, o que chegou a ser noticiado no *Correio Web*, mas, posteriormente, concluiu-se que o crime foi premeditado e cometido pela filha de um policial federal, de 17 anos, outro adolescente de 15 anos e Wesley Lima da Silva, único maior envolvido.

Os companheiros de Edvan que testemunharam e também foram vítimas do crime relataram que conseguiram fugir porque estavam acordados no momento do ocorrido e, ainda assim, foram perseguidos pelos/a agressores/a. Edvan estava dormindo e não se salvou.

O caso de Edvan Lima teve grande repercussão e causou comoção social pela brutalidade do crime, sendo feitas referências ao seu nome em 42,8% dos textos sobre violência do *Correio Web* no ano de 2013 (15/35). Nesse contexto, diferente de outras matérias do *corpus*, Edvan e as pessoas em situação de rua que estavam com ele no momento do crime são vistas de forma positiva e elogiadas por moradores/as e comerciantes da região: “Eles são tranquilos, não mexem com ninguém. Está vendo esta praça neste estado, precisando de reparos, de ser limpa? Pois só não está pior porque eles ajudam a cuidar dela”; “Ele era muito tranquilo”; “Todo mundo aqui gostava dele e muitos já o conheciam quando ele ainda tinha um barraco lá pra baixo”.

O caso estudado aqui não foi o único encontrado no *corpus* em que a violência contra pessoas em situação de rua partiu de moradores e/ou trabalhadores locais e teve como instrumento de ataque o uso do fogo. Além de Edvan Lima, o caso de Paulo César Maia e José Miclos de Freitas, que tiveram os corpos queimados enquanto dormiam próximo a uma padaria na cidade satélite de Santa Maria na noite de 25 de fevereiro de 2012, também foi noticiado.⁴ As investigações apontaram que sete pessoas teriam envolvimento com o crime, dois menores de idade, Daniel Douglas Cavalcante Cardoso, Lucas Júnior Araújo e Sá, Edmar Pereira da Cunha Júnior, Gervanio Balbino de Oliveira e o comerciante Daniel de Abreu Lima, apontado como mentor da barbárie, que estaria ‘incomodado’ com a presença das vítimas na região por considerar que eles atrapalhavam seu negócio.⁵ Paulo César, assim como Edvan, não sobreviveu ao ataque.

⁴Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/02/27/interna_cidadesdf,291211/gasolina-pode-ter-sido-usada-para-queimar-moradores-de-rua-em-santa-maria.shtml>. Acesso: 12 maio 2017.

⁵ Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/03/06/interna_cidadesdf,292169/delacao-premiada-ajudou-policia-a-prender-suspeitos-de-queimarem-mendigos.shtml>. Acesso: 12 maio 2017.

A violência descrita aqui infelizmente é parte emblemática da história da capital federal, pois, quando buscamos no imaginário popular fatos que marcaram Brasília, um dos primeiros a ser citado é assassinato do indígena pataxó Galdino. Em uma rápida pesquisa na internet, podemos encontrar diversas matérias sobre o indígena e o crime cometido contra ele. Galdino Jesus dos Santos, pataxó-hã-hã-hãe, foi atacado com gasolina e fósforo enquanto dormia em um ponto de ônibus de Brasília em 20 de abril de 1997 e foi assim assassinado. A presença de Galdino na capital federal ocorreu devido às comemorações do assim chamado ‘Dia do Índio’, ocasião em que ele e outras lideranças indígenas reivindicavam ações relacionadas à Terra Indígena Caramuru-Paraguaçu, onde era latente o conflito fundiário entre indígenas e fazendeiros, segundo informações facilmente encontradas na internet. Além da brutalidade do assassinato, outra ação dos agressores chamou a atenção para o caso: no julgamento, realizado quatro anos depois, em 2001, os responsáveis pelo crime – todos de classe média alta – Max Rogério Alves, Antonio Novely Villanova, Tomás Oliveira de Almeida, Eron Chaves Oliveira e Gutenber Nader Almeida Júnior – menor à época do crime – alegaram em suas defesas que queriam fazer uma brincadeira, acreditando que sua vítima seria uma pessoa em situação de rua. Na época do crime, os agressores não prestaram nenhum tipo de socorro à vítima e só puderam ser identificados porque uma testemunha conseguiu anotar a placa do carro em que estavam e, posteriormente, entregou a informação às autoridades. De acordo com a reportagem do *web* jornal *gl.globo*⁶, publicada este ano, quando o caso completou 20 anos, os acusados tiveram uma série de regalias concedidas pela justiça, como, por exemplo, a possibilidade de trabalharem e estudarem fora do presídio da Papuda e de não passarem por revista na volta ao encarceramento. Segundo uma promotora que estava envolvida no caso e pediu afastamento no decorrer do processo por motivos desconhecidos, os agressores foram transferidos de celas comuns para uma biblioteca desativada e, diferente de outros presos, tinham acesso a banhos quentes, cortinas e o direito de eles mesmos portarem a chave da cela.⁷

Os três casos brevemente apresentados aqui têm alguns pontos em comum: pessoas em situação de rua foram atacadas em um dos seus maiores momentos de vulnerabilidade, durante o sono, e sem a menor chance de defesa; os três crimes foram premeditados por pessoas alheias à vida nas ruas e as motivações estão intrinsecamente

⁶Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL23764-5598,00.html>>. Acesso: 01 jun 2017.

⁷Sobre a seletividade do sistema penal brasileiro, ver “É preciso falar de Rafael Braga Vieira”. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/e-preciso-falar-de-rafael-braga-vieira/>>. Acesso: 01 jun 2017.

ligadas às condições sociais em que as vítimas encontravam-se. Esses crimes refletem o desejo de parte da sociedade em provocar o extermínio de pessoas em situação de rua. Não é levada em consideração a estrutura social que marginaliza grupos sociais, os próprios grupos são vistos como o problema a ser ‘atacado’. São os corpos que incomodam e podem ser aniquilados.

Considerando os estudos da corporeidade de David Le Breton (2011, 2017) aliados à abordagem teórica da análise de discurso crítica, na próxima seção será discutida a problemática resultante da representação dos corpos de pessoas em situação de rua na modernidade.

3. A análise de discurso crítica e a corporeidade na investigação da violência contra pessoas em situação de rua

Na perspectiva abordada aqui, as reflexões sobre a corporeidade serão atreladas ao arcabouço teórico-metodológico da análise de discurso crítica para compreender como é representado, em reportagens e notícias retiradas do *Correio Web* no ano de 2013, o corpo de Edvan Lima. Nesse cenário, os textos jornalísticos serão considerados como eventos discursivos que trazem traços das práticas sociais e nos fornecem indícios para a investigação dessas mesmas práticas (Vieira; Resende, 2016).

Para David Le Breton (2017), o conceito de corporeidade e as relações que os seres humanos traçam com o corpo estão ligados às transformações sociais. De acordo com estudos do antropólogo, em tempos passados, o corpo era visto como unidade intangível que por si só identificava sujeitos. Atualmente, o corpo nas sociedades urbanizadas ocidentais é tido majoritariamente como algo imperfeito, passível de modificações e construções pelo próprio indivíduo (Le Breton, 2017), que ativamente trabalha para a construção de sua subjetividade corporificada.

Se em sociedades baseadas em estruturas diferentes da nossa o corpo pode ser concebido como algo inerente à natureza biológica do mundo, inclusive com designações semânticas comuns para denominar traços humanos e de plantas, ou ainda, pode ser considerado na medida de suas relações com a coletividade de que faz parte (Le Breton, 2011), no modelo urbanizado de vida, isso se perde, pois aqui o corpo assume um caráter individualizado, anatomizado, dissociado da pessoa em “uma espécie de divisão ontológica” (Le Breton, 2011, p. 350). Um exemplo disso é o fato de a cura, para alguns povos, ser vista como uma unidade, enquanto na medicina moderna o foco é tratar

especificamente do corpo de forma fragmentada, e não do ser humano em sua plenitude (Le Breton, 2011).

O corpo nas sociedades ocidentais atuais também assume uma espécie de metamorfose, constantemente incentivada pelo mercado, pela indústria da beleza, pela mídia e por outros mecanismos de coerção social (Le Breton, 2017), e, já que o corpo só projeta uma identidade na medida em que é personalizado, pode ser perfeitamente dispensado quando não atende aos requisitos da modernidade.

Focalizando as reportagens e notícias que tratam do caso de Edvan Lima, nos chama a atenção a sua representação fragmentada, reflexo dos conceitos de corporeidade na contemporaneidade abordados anteriormente. Edvan, nessa perspectiva, não é uma pessoa que foi brutalmente assassinada, é um corpo *63% queimado*⁸; um corpo *aproximadamente 65% queimado*; um corpo [que] *sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça*⁹; um corpo [que] *teve queimaduras de terceiro grau*, em textos que trazem informações a respeito do crime, da investigação e de seu estado de saúde e, posteriormente, transforma-se em um corpo funerário a ser reclamado¹⁰, retirado¹¹, liberado do IML e sepultado¹².

Quando o corpo encontrado foge dos parâmetros propagados pela publicidade ou pela mídia, quando se encontra fora do padrão considerado ideal, belo, jovem, impecável, esperado, há o estranhamento que provoca a não identificação com o ‘outro’, ou, como traz Le Breton (2011, p. 213):

a impossibilidade de nos identificarmos fisicamente com ele (por causa de sua enfermidade, da desordem de seus gestos, de sua velhice, de sua “feiura”, de sua origem cultural ou religiosa diferente etc.) está na fonte de todos os preconceitos que um ator social pode sofrer.

⁸Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/08/01/interna_cidadesdf,380092/homens-ateiam-fogo-em-morador-de-rua-vitima-fica-com-63-do-corpo-queimado.shtml> Acesso em: 12 maio 2017.

⁹Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/08/04/interna_cidadesdf,380644/morador-de-rua-do-guara-temem-retorno-de-agressores.shtml>. Acesso em: 12 maio 2017.

¹⁰Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/02/interna_cidadesdf,385747/morador-de-rua-queimado-vivo-deve-ter-enterro-social.shtml>. Acesso em: 12 maio 2017.

¹¹ Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/06/interna_cidadesdf,386616/morador-de-rua-queimado-vivo-no-guara-pode-ser-enterrado-como-indigente.shtml>. Acesso: 12 maio 2017.

¹² Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/09/interna_cidadesdf,387082/pericia-identifica-morador-de-rua-que-morreu-queimado-no-guara.shtml>. Acesso: 12 maio 2017.

Sendo assim, a representação fragmentada que desassocia Edvan (e outras pessoas em situação de vulnerabilidade) como ser humano de seu corpo, quando difundida por jornais – considerando meios de comunicação como aparato ideológico do Estado (Maniglo, 2016) – pode reforçar ideologias e hegemonias vigentes, onde só é considerado um ‘outro’ quem atende aos requisitos identitários da atualidade.

O conceito de ideologia em análise de discurso crítica é dotado de teor intrinsecamente negativo, pois é um instrumento semiótico que garante a manutenção temporária de uma representação particular de mundo (Resende; Vieira, 2016). Já o conceito de hegemonia refere-se ao “poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais” (Fairclough, 2001, p. 122). Ambos os conceitos são de caráter temporário, pois, apesar de serem reforçados por estruturas sociais interessadas na manutenção do *status quo*, também são passíveis de transformação. O potencial efeito da ideologia na manutenção de hegemonias pôde ser observado nos resultados da primeira etapa de pesquisa, quando as análises apontaram que apesar de a população em situação de rua ser, sobretudo, vítima de eventos de violência noticiados no jornal, e, portanto, referida majoritariamente pelo item lexical ‘vítima’, é avaliada em maior densidade como *perigosa*, num paradoxo significativo (Ramalho; Resende, no prelo).

Adotando essa perspectiva, segundo a qual “para possuir um corpo é preciso acrescentar sua marca própria” (Le Breton, 2017), a população em situação de rua, que representa um setor da sociedade que não se beneficia do sistema capitalista e é a parte mais frágil e vulnerável da extrema pobreza, não possui meios para atender aos requisitos da modernidade, pois está à margem dos ideais contemporâneos fortemente divulgados pelas forças sociais dominantes. Posto isto, por estar barrada do processo de construção identitária e reconhecimento como um ‘outro’, frequentemente é vista e retratada de forma desumanizada. Aqui, o corpo “já não é inteiramente o homem, na medida em que são legítimos sobre ele procedimentos que seriam socialmente percebidos como inaceitáveis se concernissem ao homem e não a um corpo dissociado” (Le Breton, 2011, p. 356).

Assim, *corpo* neste trabalho será uma categoria analítica nos moldes da análise de discurso crítica, a ser considerada na análise dos dados que tratam da representação de Edvan Lima no *Correio Web*, pois esse arcabouço teórico-metodológico contribui para a investigação de problemas sociais discursivamente manifestos, adotando como essencial

a concepção de que discursos e práticas sociais estão dialeticamente interligados. A interdisciplinaridade em estudos sob a ótica da análise de discurso crítica é fundamental, pois, como campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas, é heterogênea, instável e aberta (Vieira; Resende, 2016, p. 18).

Para a ADC, o termo discurso abrange dois significados. De forma mais abstrata, é associado ao uso da linguagem em uma prática social particular, já de forma mais concreta, caracteriza um modo específico de representação de experiências no mundo, ligado a campos sociais particulares (Vieira; Resende, 2016). Para compreendermos melhor essas duas acepções e sanar a ambiguidade de termos, remeto aqui a distinção feita por Resende (no prelo a), inspirada em Foucault, em que o sentido mais abstrato é chamado ‘ordens de discurso’, constituindo-se como um dos componentes articuladores do estrato potencial do funcionamento da linguagem, ou seja, as ordens de discurso podem possibilitar ou controlar a ação discursiva por meio das limitações e dos potenciais que engendram em articulação com outros elementos potenciais de uma prática particular: espaço-tempo potencial, materiais potenciais, posições objetivas etc. As ordens de discurso da mídia, por exemplo, ocorrem em um determinado espaço-tempo, necessitando de materiais específicos dependendo de um contexto, pressupondo posições determinadas a alguns sujeitos e estabelecendo relações sociais específicas. Portanto, se “toda prática social inclui uma ordenação do aparato semiótico estruturante dos usos da linguagem na prática” (Resende, no prelo a), essa denominação para designar o uso da linguagem em uma prática social particular é perfeitamente adequada. Por outro lado, falar de discursos de uma forma concreta significa compreender que há maneiras específicas de representar, de agir e interagir e de identificarmos o mundo, as pessoas e a nós mesmos (Vieira; Resende, 2016). Ao referenciar pessoas em situação de rua através de itens lexicais como, por exemplo, ‘moradores/as de rua’, ‘mendigos/as’, ‘invasores/as’, ‘necessitados/as’, ‘pedintes’, ‘população vulnerável’, ‘sem-teto’, ‘desabrigados/as’, ‘suspeitos/as’, ‘grupo’, ‘indigentes’ ou ‘pessoas que estão nas ruas’ em textos, estamos fornecendo um acesso empírico que indica a forma como reagimos à situação de rua e sobre a nossa própria perspectiva de mundo. Quando discursos específicos são difundidos como universais, contribuem para a propagação de práticas hegemônicas, o que não contempla setores da sociedade marginalizados dentro da lógica do sistema capitalista.

Investigar como ocorre a representação de pessoas em situação de rua em casos de extrema violência na mídia pode contribuir para a compreensão das práticas sociais representadas nesse contexto.

4. Investigação da representação do corpo de Edvan Lima no *Correio Web*

Este trabalho faz parte de um projeto mais abrangente que visa investigar a *Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo on-line*. De forma mais ampla, estamos trabalhando com dados coletados dos portais de três mídias jornalísticas de referência no Brasil, a *Folha de S. Paulo* (folha.uol.com.br), de São Paulo, *O Globo* (oglobo.globo.com), do Rio de Janeiro e o *Correio Braziliense* (correioweb.com.br), de Brasília. Na primeira etapa do projeto, coletamos todos os textos publicados nos portais dos respectivos jornais que apresentaram resultados na busca de palavras-chave associadas à situação de rua no intervalo de 2011 a 2013. Aqui, trato exclusivamente dos dados coletados no *Correio Web*.

Da coleta no *Correio Web*, resultaram 166 textos passíveis de codificação no *software* para pesquisa qualitativa NVivo, que foram organizados em pastas temáticas, sendo 95 deles localizados na temática da violência, 32 em políticas públicas, 18 em violação de direitos, 18 em outros temas (temas menos aparentes, como por exemplo, histórias heroicas ou histórias consideradas inusitadas envolvendo pessoas em situação de rua) e três em drogas. Posteriormente, os dados foram codificados em categorias de preparação e análise utilizando recursos proporcionados pelo NVivo e categorias teoricamente motivadas pela análise de discurso crítica para a realização de uma macro análise que está descrita de forma mais detalhada em trabalhos anteriores (ver Resende, 2016 e Ramalho; Resende, no prelo). Antes de passar para a análise propriamente dita, discorrerei de forma breve sobre como cheguei ao recorte aqui apresentado.

Entre várias perguntas que fiz ao *software*, apropriando-me de uma ferramenta disponibilizada por ele que permite o cruzamento de dados, estava a seguinte: como pessoas em situação de rua são avaliadas por vozes externas à voz autoral em textos com a temática da violência? A seguir, está a tabela que responde a essa questão contendo as avaliações e a quantidade de vezes que elas ocorrem.

MODOS DE AVALIAÇÃO/ INTERTEXTUALIDADE EM VIOLÊNCIA	RECORRÊNCIAS
Agressivas	4
Boas	1

Discriminadas	3
Incômodas	16
Oportunistas	2
Perigosas	69
Queridas	1
Trabalhadoras	2
Tranquilas	3
Viciadas	9
Violentas	2

Tabela 1 – Modos de avaliação de pessoas em situação de rua por vozes externas na temática da violência e suas recorrências em textos publicados no *Correio Web* entre os anos de 2011 e 2013

Fonte: Elaboração própria

É importante ressaltar aqui que há outros modos de avaliação de pessoas em situação de rua no *corpus*, entretanto, apenas esses são evocados em instância de articulação intertextual de vozes externas à voz autoral. Outros estão situados na voz autoral do jornal e por esse motivo não apareceram no cruzamento dos dados, pois optamos por investigar, nesse momento, apenas as vozes externas ao jornal que são convocadas a falar e avaliar pessoas em situação de rua nesse contexto, como as vozes de ativistas e religiosos, de coletivos de pessoas em situação de rua, de empresários, de entidades escolares, de familiares de pessoas em situação de rua, de moradores/as e trabalhadores/as locais, de outras pessoas que aparecem em minoria sem uma classificação particular recorrente, de pessoas em situação de rua, da polícia, de testemunhas, de representantes da lei, de especialistas, do governo e de representantes de vozes médicas. Todas essas vozes foram codificadas de acordo com suas aparições nos textos, pois o processo de codificação dos dados é feito manualmente no *software*. Dito isso, há de se compreender que foi necessária a leitura de todas as reportagens e notícias coletadas nos portais antes da realização das codificações e posteriores matrizes de codificação.

Além de ater-me aos qualificadores negativos que mais aparecem na Tabela 1, perigosas (69), incômodas (16) e viciadas (9) – qualificadores que percorrem todas as outras temáticas não só do *corpus* do *Correio Braziliense*, mas também dos outros dois jornais investigados no âmbito do grupo de pesquisa – considere necessário voltar-me para as exceções e olhar de forma mais atenta os qualificadores positivos que aparecem nos dados, como tranquilas (3), trabalhadoras (2), boas (1) e queridas (1). A partir dessa observação mais detalhada, constatei que essas avaliações são restritas, em maior parte, ao caso de Edvan Lima, já detalhado em seção anterior.

Posteriormente, utilizei o mecanismo de pesquisa de palavras proporcionado pelo *software* e procurei por “Ed*van” (o uso de asterisco foi necessário porque ora o nome

desse ator aparece como Edvan e ora, como Edivan) para ser direcionada aos textos específicos que o citam, e assim descobri que dos 35 textos localizados na temática de violência do ano de 2013, 15 referem-se a ele em algum momento, ou seja, 42,8% dos textos situados na temática de violência do ano de 2013 fazem, em algum momento, menção ao brutal crime cometido contra Edvan Lima, número bastante significativo. A partir dessa constatação, delimito meu foco de pesquisa e dei início à micro análise dos dados que será aqui apresentada.

Voltando-me aos 15 textos que mencionam Edvan Lima, constatei que cinco deles não são focados no caso específico, mas o citam no contexto de outros assuntos da temática de violência, e, portanto, não serão foco de análise neste artigo. Assim, 10 textos do *corpus* inicial de 166 passaram pela micro análise neste trabalho.

As manchetes dos textos que tratam de forma particular do caso de Edvan Lima podem ser observadas no quadro a seguir, que nos fornece também a visualização de suas datas de publicações, informações de sua autoria – texto assinado ou não? – e do Caderno onde foi situado no jornal:

MANCHETE	DATA	AUTORIA	CADERNO
Homens ateam fogo em morador de rua; vítima fica com 63% do corpo queimado	1 de agosto de 2013	Não assinado	Cidades
Rixa entre grupos rivais pode ter motivado incêndio em moradores de rua	1 de agosto de 2013	Não assinado	Cidades
Morador de rua queimado no Guará continua em estado grave	3 de agosto de 2013	Não assinado	Cidades
Moradores de rua do Guará temem retorno de agressores	4 de agosto de 2013	Não assinado	Cidades
Polícia detém suspeitos de atear fogo e matar morador de rua no Guará	20 de agosto de 2013	Saulo Araújo Kelly Almeida Ariadne Sakkis	Cidades
Trio que matou morador de rua queimado não teria mostrado arrependimento	21 de agosto de 2013	Kelly Almeida Saulo Araújo	Cidades
Ativistas se reúnem para homenagear morador de rua queimado no Guará	23 de agosto de 2013	Sheila Oliveira	Cidades

Morador de rua queimado vivo deve ter enterro social	2 de setembro de 2013	Larissa Garcia	Cidades
Morador de rua queimado vivo no Guará pode ser enterrado como indigente	6 de setembro de 2013	Kelly Almeida	Cidades
Perícia identifica morador de rua que morreu queimado no Guará	9 de setembro de 2013	Kelly Almeida Thaís Paranhos	Cidades

Quadro 1 – Manchetes dos textos sobre o caso de Edvan Lima
Fonte: Elaboração própria

É interessante constatar que todos os textos sobre o caso Edvan Lima estão situados no Caderno Cidades, seção do jornal que aborda fatos cotidianos e que cumpre também o papel de caderno policial no jornal. Note-se, também, que as matérias sobre o caso não são assinadas até 4 de agosto, mas passam a ser textos de autoria a partir do dia 20, quando se descobre que os assassinos de Edvan Lima não eram pessoas em situação de rua. Assim, o caso adquire maior relevância quando se desloca do âmbito da situação de rua, passando a incluir outro grupo social.

Em um primeiro momento,  notável que apesar de o nome de Edvan Lima ser recorrente nos textos de violência do ano de 2013, sendo este, inclusive, um dos fatores que justificam a micro análise dos textos relacionados ao seu caso, em nenhuma das manchetes seu nome é citado. Em oito textos que evidenciam por meio da manchete o crime cometido contra ele, Edvan Lima é representado como “morador de rua” (“Homens ateam fogo em *morador de rua*”; “*Morador de rua* queimado no Guará continua em estado grave”; “Polícia detm suspeitos de atear fogo e matar *morador de rua*”; “Trio que matou *morador de rua*”; “Ativistas se reúnem para homenagear *morador de rua* queimado” e “Perícia identifica *morador de rua* que morreu queimado”), quando são podemos perceber sua especificidade pela colocação do termo no singular, mas sem individualização pelo uso de seu nome. Além disso, o termo ‘morador de rua’ reflete uma contradição e naturalização da situação de extrema vulnerabilidade de um grupo social carente de políticas públicas eficientes, pois não ter moradia adequada é justamente o que caracteriza e marginaliza essa população.

Já nas manchetes dos outros dois textos acerca do caso, Edvan Lima é retratado como participante de uma coletividade, de um grupo; ora para apresentar suposições sobre a motivação do assassinato (que depois se provaram falsas): “*Rixa entre grupos rivais*

pode ter motivado incêndio em moradores de rua”, ora para retratar uma consequência da brutalidade: “*Moradores de rua do Guará temem retorno de agressores*”. No primeiro caso, a manchete sugere que o grupo de que Edvan fazia parte e a população em situação de rua em geral não seriam pacíficos, pois, se fossem, não estariam envolvidos em “rixa”; mas, no segundo caso, são representados temendo novas agressões, e o termo ‘agressores’ já não é direcionado a outras pessoas em condições de semelhante vulnerabilidade econmica e, pela manchete, já não podemos presumir os criminosos, os grupos sociais aos quais pertencem, suas condições socioeconômicas, de gnero e nenhuma outra informação mais detalhada.

Ao olhar mais atentamente para as manchetes para investigar se h a individualização de Edvan Lima em suas ampliações, há uma exceção que pode ser observada a seguir:



Figura 1 – Manchete de texto sobre Edvan Lima do dia 23 de agosto de 2013
Fonte: Correio Web

Essa é a única manchete ampliada que retrata Edvan Lima não apenas como uma pessoa em situação de rua, mas como alguém que tem nome e idade, informações mínimas, se levarmos em consideração o padrão jornalístico, onde constantemente pessoas são identificadas por seu nome e sua idade. Curiosamente, é nessa reportagem que moradores/as locais referenciados/as como “ativistas” pelo jornal cobram justiça ao caso e políticas públicas governamentais que atendam as pessoas em situação de rua. De modo

geral, a representação de Edvan nas manchetes não se atém a seus traços identitários mais específicos.

Na segunda manchete publicada no dia 1 de agosto de 2013, dia em que o caso de Edvan Lima começa a ser noticiado no jornal, destaco a construção “*incêndio em moradores de rua*” por ser uma construção não usual, pois se considerarmos os itens lexicais que geralmente sucedem o substantivo “incêndio” é incomum a presença de atores humanos – esse aspecto já foi destacado por Resende (no prelo b). Em uma rápida busca no *Correio Web* por ‘incêndio em’, têm-se como resultado “incêndio em supermercado”, “incêndio em prédio”, “incêndio em Samambaia”, “incêndio em escola”, “incêndio em apartamento”, “incêndio em barraco”, entre outros. Se ampliarmos ainda mais a pesquisa e colocarmos a construção “incêndio em” no Google e não mais especificamente no portal do jornal aqui pesquisado, encontramos além das construções observadas no *Correio Web*, “incêndio em reserva florestal”, “incêndio em garagem”, “incêndio em restaurante”, “incêndio em ônibus”, “incêndio em condomínio”, entre outros que confirmam o uso incomum encontrado no trecho em destaque. Dessa forma, podemos observar que, nessa construção, pessoas em situação de rua estão em uma colocação atípica para atores humanos, ou seja, estão sendo desumanizados e objetificados.

Com índicos do apagamento identitário desse ator social e de sua desumanização, foi necessário investigar de forma mais atenta os trechos específicos das reportagens que caracterizam Edvan Lima. Esse mapeamento pode ser observado no quadro a seguir, que contém as informações de data, manchete e os respectivos trechos que o representam em cada texto.

DATA	MANCHETE	TRECHOS
1 de agosto de 2013	Homens ateiam fogo em morador de rua; vítima fica com 63% do corpo queimado	O morador de rua Edvan Lima, 49 anos, conhecido como Antero pelos colegas, teve aproximadamente 65% do corpo queimado, enquanto dormia com um grupo de quatro mendigos na QE 18, no Guará I, na madrugada desta quinta (1º/8).
		Edvan não conseguiu fugir e sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça.
		Em nota, a Secretaria de Saúde informou que a vítima está com 63% do corpo queimado sendo que 27% é queimadura de terceiro grau.

1 de agosto de 2013	Rixa entre grupos rivais pode ter motivado incêndio em moradores de rua	Edvan Lima, 49 anos, não conseguiu fugir e sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça.
		A Polícia Civil trabalha com duas linhas de investigação do incêndio a moradores de rua, que deixou uma das vítimas com 63% do corpo queimado, na madrugada desta quinta-feira (1º/8).
		Edvan Lima, 49 anos, não conseguiu fugir e sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça.
3 de agosto de 2013	Morador de rua queimado no Guará continua em estado grave	A vítima teve 63% do corpo queimados, segundo boletim médico.
		O morador de rua Edivan da Lima Silva, 48 anos, que teve o corpo queimado na última quinta-feira (1º), continua internado em estado grave, no Hospital Regional da Asa Norte (Hran).
		Silva teve queimaduras de terceiro grau em 27% do corpo, inclusive na região da cabeça.
4 de agosto de 2013	Moradores de rua do Guará temem retorno de agressores	Na última quinta-feira um morador de rua teve o corpo queimado por agressores e morreu neste sábado.
		A notícia da morte de Edivan da Lima Silva, 48 anos, fez crescer o medo entre os moradores de rua que costumam passar os dias na praça do Guará I (DF) onde, na madrugada da última quinta-feira (1), Silva teve o corpo incendiado.
20 de agosto de 2013	Polícia detém suspeitos de atear fogo e matar morador de rua no Guará	Ele teve 63% do corpo queimado e morreu dois dias depois, no Hospital Regional da Asa Norte (Hran).
21 de agosto de 2013	Trio que matou morador de rua queimado não teria mostrado arrependimento	Levado para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), com 63% do corpo queimado, Edvan morreu dois dias depois.
		Eles confessaram ter queimado vivo Edvan Lima da Silva, 49 anos, enquanto ele dormia na praça da QE 18.
23 de agosto de 2013	Ativistas se reúnem para homenagear morador de rua queimado no Guará	Edvan Lima da Silva, de 49 anos, morreu no início do mês após ser queimado por três jovens.
		Um grupo de 10 moradores do Guará se reuniram por volta das 17h desta sexta-feira (23/8), na praça pública da QE 16, onde Edvan Lima da Silva, 49 anos, foi queimado por três jovens.

2 de setembro de 2013	Morador de rua queimado vivo deve ter enterro social	O prazo para reclamar o corpo do morador de rua queimado vivo, há um mês, no Guará, encerrou ontem e nenhum parente de Edvan Lima dos Santos, 49 anos, apareceu no Instituto de Medicina Legal (IML).
		A liberação do corpo deverá ser feita pela Defensoria Pública do DF nos próximos dias.
		A partir daí, será feito o agendamento com o serviço funerário da Sedest, que retira o corpo e o leva até o cemitério.
		O corpo ainda vai ficar um tempo no IML.
		Edvan foi encaminhado para o Hospital Regional da Asa Norte (Hran) com 63% do corpo queimado.
6 de setembro de 2013	Morador de rua queimado vivo no Guará pode ser enterrado como indigente	Ele tem 63% do corpo queimado e morreu dois dias depois após paradas cardiorrespiratórias.
		Identificado como Edvan Lima da Silva, o corpo da vítima foi encaminhado ao Instituto de Medicina Legal (IML) em 3 de agosto. Permanece no local até hoje.
9 de setembro de 2013	Perícia identifica morador de rua que morreu queimado no Guará	O corpo está há mais de um mês no Instituto de Medicina Legal (IML) e a vítima seria enterrada sem identificação, pois não foi localizado qualquer documento ou parente que comprovasse o nome.
		Agora, a Sedest poderá fazer o sepultamento do corpo identificado.
		Ele teve 63% do corpo queimado e morreu dois dias depois.

Quadro 2 – Trechos de textos que representam o corpo de Edvan Lima
Fonte: Elaboração própria

Do dia 1 ao dia 23 de agosto de 2013, Edvan Lima é representado nos trechos das sete reportagens e notícias publicadas no *Correio Web* principalmente de forma fragmentada: ora é representado metonimicamente por seus membros afetados pelo ato criminoso, ora é retratado como algo que possui (tem) um corpo e não como um sujeito em sua plenitude, com corpo, alma, mente ou outras dimensões corpóreas, aproximando-se da dissociação contemporânea do corpo discutida por Le Breton (2011, 2017). Edvan é, assim, descrito como corpo “aproximadamente 65% (...) queimado”, que “sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça” (2x); frequentemente representado em termos percentuais da cobertura da lesão: “63% do corpo queimado sendo que 27% é queimadura de terceiro grau”, “teve 63% do corpo queimado” (5x), “teve queimaduras

de terceiro grau em 27% do corpo, inclusive na região da cabeça”, “*teve o corpo incendiado*”; como corpo presente em incêndio que “*deixou uma das vítimas com 63% do corpo queimado*”; como algo (objetificado, como vimos) que “*teve o corpo incendiado*”.

As exceções nesse período são as construções que ocorrem em duas matérias, uma datada de 21 de agosto de 2013, com o trecho “*Eles confessaram ter queimado vivo Edvan Lima da Silva, 49 anos, enquanto ele dormia na praça da QE 18*”, e uma matéria de 23 de agosto de 2013, em que são encontrados os trechos “*Edvan Lima da Silva, de 49 anos, morreu no início do mês após ser queimado por três jovens*” e “*Um grupo de 10 moradores do Guará se reuniram por volta das 17h desta sexta-feira (23/8), na praça pública da QE 16, onde Edvan Lima da Silva, 49 anos, foi queimado por três jovens*”. Nesses trechos, Edvan é representado em sua unidade, pois é uma pessoa que foi queimada viva e não um corpo que teve partes violadas, um corpo dissociado de seu ser mental, emocional, espiritual, como ocorre na maior parte dos textos.

Posteriormente, do dia 2 a 9 de setembro, em três matérias, Edvan, além de ser representado de modo similar aos primeiros textos sobre o caso como corpo “*63% queimado*”, passa a ser representado ainda mais dissociado de seu corpo, pois, agora, biologicamente não está mais vivo e é um corpo funerário que aguarda ser ‘reclamado’, ‘liberado’, ‘retirado’, ‘encaminhado’ e ‘sepultado’.

Outra construção peculiar aparece de modo similar no *corpus* três vezes nos primeiros textos sobre o caso, datados do dia 1 de agosto de 2013: “*Edvan Lima, 49 anos [ou simplesmente Edvan], não conseguiu fugir e sofreu queimaduras no peito, no braço esquerdo e na cabeça*”. Aqui, o fato de Edvan ter tido o corpo violado por pessoas alheias à vida nas ruas é ligado a sua incapacidade de fuga, gerando uma mitigação da ação violenta e criminal.

No trecho “*A Polícia Civil trabalha com duas linhas de investigação do incêndio a moradores de rua, que deixou uma das vítimas com 63% do corpo queimado*”, retirado de reportagem publicada no dia 1 de agosto de 2013, ocorre uma construção (“*incêndio a moradores de rua*”) semelhante à que já foi explanada na análise das manchetes.

Edvan Lima nos excertos apresentados no Quadro 2 é majoritariamente um objeto que sofre ações, algo que *teve* o corpo queimado, algo que *sofreu* queimaduras, que *foi* vítima e, depois de seu falecimento, como algo que espera ser *reclamado*, *retirado*, *encaminhado* e *sepultado*. É curioso notar que as únicas atividades que Edvan parece exercer nos trechos do Quadro 2 são as ações de *dormir* com um grupo de outras pessoas

em situação de rua e a ação de *tentar fugir*, que possui teor negativo nesse contexto, já que esse ator não logrou êxito. As pessoas em situação de rua que conviviam com Edvan também são retratadas como sujeitos que não exercem ações efetivas no mundo, pois, *costumam passar os dias na praça do Guará I*, o que nos remete a uma ideia de improdutividade fortemente combatida em sociedades inseridas no modelo de produção capitalista.

O combate à permanência de pessoas nas ruas já é enraizado no país desde o surgimento desse grupo social, quando em 3 de outubro de 1941 foi criado o Decreto-lei nº 3.688¹³, mais conhecido como “lei da vadiagem”, que assegurava o recolhimento de pessoas em situação de rua pelo Estado, como forma de controle populacional, e considerava que os/as recolhidos/as poderiam ter suas penas extinguidas, caso comprovassem ter meios de assegurar suas subsistências. A criminalização de pessoas em situação de rua e da extrema pobreza ainda é presente nas sociedades contemporâneas, e isso se reflete na forma desumanizada como Edvan é representado. A esse ator é inclusive atribuído um codinome, “Antero”, algo que pode ser observado no Quadro 2 na primeira matéria sobre o caso. Ora, sabemos que jornalisticamente a atribuição de codinomes a sujeitos de modo geral ocorre em textos criminais, onde atores que violam as leis, como forma de esconderem suas identidades, são conhecidos popularmente por outros nomes.

Considerações finais

A representação do corpo de Edvan Lima nos dez textos do *Correio Web* que discorrem sobre o caso de violência extrema cometida por integrantes da classe média brasileira contra esse ator social no ano de 2013, majoritariamente o coloca em posição de corpo-objeto ou corpo-local de forma desumanizada, dissociada dos elementos que normalmente associamos a nossa condição humana: ação no mundo, sentimentos, pensamentos, espiritualidade. Nesse contexto, ocorre a descaracterização da individualidade de Edvan Lima, o apagamento de seus traços identitários e a representação de seu corpo em uma dissociação de seu ser. Edvan, na maioria dos textos investigados, não é um ‘ser’ em sua plenitude, é algo que ‘possui um corpo’. Além disso, Edvan e o grupo de pessoas em situação de rua que convivia com ele são tidos como inertes no mundo, pois não são representados exercendo ações efetivas e, quando as

¹³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm. Consulta em 5 jul. 2017.

exercem, é de forma negativa porque não logram êxito, exceto quando a ação realizada é dormir ou permanecer nas ruas. Levando em consideração as construções de sentidos provocadas por textos, isso pode contribuir para que essa população não seja vista como seres humanos e, sim, como objetos que fazem parte da paisagem urbana, na medida em que assumem posições textuais de elementos como ‘prédio’, ‘barraco’ e ‘ônibus’ (em colocação com incendiar, como vimos) e, de acordo com os estudos sobre corporeidade na contemporaneidade (Le Breton, 2011), esse fator pode contribuir para que ações antes vistas com desprezo quando destinadas a atores humanos sejam legitimadas quando voltadas para corpos dissociados.

Referências:

BRASIL. Decreto-lei nº 3.688, de 3 de Outubro de 1941. *Lei das contravenções penais*. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm>. Acesso em: 5 jul. 2017.

CETIC/ CGI/ UNESCO. Acesso à internet no Brasil: Desafios para conectar toda a população. In Panorama setorial da Internet. Ano 8, Número 1, 2016. Disponível em: <www.nic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf> Acesso em: 25 maio 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. (Org.) Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GATTI, Bruna Papaiz; PEREIRA, Camila Potyara. *Projeto Renovando a Cidadania: pesquisa sobre a população em situação de rua do Distrito Federal*. Brasília: Gráfica Executiva, 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Atlas Brasil*, 2003. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=df&tema=idhm>>. Acesso em: 24 maio 2017.

LE BRETON, David. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Trad. Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LE BRETON, David. O Paradigma da Corporeidade na Contemporaneidade. Brasília, Universidade de Brasília, 2017. (Comunicação oral). Disponível em <<https://neconblog.wordpress.com/2017/03/27/confira-novamente-a-palestra-de-david-le-breton/>>. Acesso em: 12 maio 2017.

MANIGLIO, Francesco. Comunicação pessoal: curso virtual. *Como nos vendenla moto! Análisis crítico del discurso (ADC) y lautilización de NVivo*. Quito: Ciespal, 2016.

PEREIRA, Camila Potyara. *Rua sem Saída*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2009.

RAMALHO, Ingrid da Silva; RESENDE, Viviane de Melo. Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no *Correio Web. Calidoscópio*, no prelo.

RESENDE, Viviane de Melo. Representação de pessoas em situação de rua no jornalismo on-line: quais são as vozes convocadas para falar sobre a situação de rua? *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(3), 955-988, 2016.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: Resende, V. M.; Regis, J. F. (orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas: Pontes, no prelo a.

RESENDE, Viviane de Melo; GOMES, Maria Carmen Aires. Representação da situação de rua no jornalismo eletrônico em textos verbo-visuais – a violência em discurso no *Correio Braziliense* (2011-2013). Submetido a publicação em *Linguagem em (Dis)curso*, no prelo b.

SILVA, Maria Lúcia Lopes. *Mudanças Recentes no Mundo do Trabalho e do Fenômeno População em Situação de Rua no Brasil 1995-2005*. Dissertação de Mestrado (Política Social). Universidade de Brasília, 2006.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2016.